

José Carlos Mariátegui e o Fascismo

John Kennedy Ferreira

Doutor em História Econômica (USP) e Professor de Sociologia DESOC/UFMA

Resumo: José Carlos Mariátegui viveu um período de 3 anos na Europa entre 1919 a 1923, na maioria do tempo na Itália. Pode acompanhar a grande mobilização social que aconteceu na Europa e particularmente na Itália no fim da Grande Guerra e também a ascensão do Fascismo e a sua chegada ao poder. Mariátegui, buscou compreender esse fenômeno político social através de um conjunto de artigos publicados em jornais peruanos. As análises de Mariátegui sobre a política italiana e o fascismo, fazem parte de seu amadurecimento enquanto pensador e político marxista. É o que esse breve artigo tenta observar.

Palavras-chave: Mariátegui; Fascismo; Marxismo

Abstract: José Carlos Mariátegui lived a period of 3 years in Europe from 1919 to 1923, most of the time in Italy. It can accompany the great social mobilization that happened in Europe and particularly in Italy at the end of the Great War and also the rise of Fascism and its coming to power. Mariátegui sought to understand this social political phenomenon through a set of articles published in Peruvian newspapers. Mariátegui's analyzes of Italian politics and fascism are part of his maturity as a Marxist thinker and politician. This is what this brief article tries to observe.

Keywords: Mariátegui; Fascism; Marxism

Introdução

Em fins do século XIX, Friedrich Engels alimentava uma fé imensa no avanço do movimento socialista. Em seu prefácio ao *As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850*, de Karl Marx, salientava que a legalidade e as eleições davam aos socialistas a vitalidade de quem estava prestes a conquistar o poder. Numa carta a Laura Marx, o mesmo Engels acreditava que o crescimento do movimento socialista era comparável à fé cristã entre os escravos no Império Romano. Acreditava que em poucos anos o proletariado e as demais classes subalternas se tornariam socialistas, minando a estrutura do Estado capitalista, tal qual os escravos cristãos minaram as estruturas de Roma.

Naquele momento histórico seria impensável a Engels o surgimento de uma reação burguesa popular. Uma reação que mobilizasse legiões de setores médios, inclusive contando com o apoio de segmentos do proletariado e das demais camadas oprimidas da sociedade. A reação fascista nas primeiras décadas do século XX foi, assim, uma política ditatorial com apoio popular, uma tirania com entusiasmo de amplos setores da população, inclusive entre os estratos proletários, algo novo, algo impensável ao último Engels (PAXTON, 1999, pp. 15-17).

A compreensão do fenômeno político do fascismo mobilizou o esforço de vários pensadores, como mostra Robert Paxton na introdução da obra *Anatomia do Fascismo*. Ao mesmo tempo, a chegada ao governo de forças que se assemelham no discurso e na prática ao fascismo na atualidade nos traz novamente esse importante debate. Nesse sentido, os escritos de José Carlos Mariátegui reunidos em *Cartas da Itália*, em *La Escena Contemporánea*, na *Historia de La Crisis Mundial* e na coletânea organizada por Luiz B. Pericás, *As Origens do Fascismo*, contribuem para a compreensão do fenômeno passado e das formas de governo atuais.

Mariátegui e o Fascismo

José Carlos Mariátegui trabalhou desde os 11 anos como tipógrafo no jornal *El Tiempo*. Aos poucos, foi se tornando jornalista, passa a escrever poemas, peças de teatros, colunas sociais, crônicas policiais.

O contato com as mais diversas informações o aproximou da ampla realidade social vivida pelas indígenas, pelos camponeses pobres e trabalhadores peruanos e, dessa maneira, foi se aproximando das causas sociais e do socialismo. A Revolução Russa "alcança" o jovem poeta que, junto com César Falcón, funda o jornal *La Razón*, dedicado a apoiar as lutas proletárias. Esse engajamento político lhe rende o reconhecimento da classe operária, agradeceu ao periódico o apoio à greve pela conquista da jornada de trabalho de oito horas diárias. Mas, também, ganha a hostilidade dos poderosos e do Governo Augusto Leguía, que dá a Mariátegui e a Falcón duas alternativas: ou vão para uma embaixada serem adidos culturais ou vão para a cadeia.

Dessa maneira, os jovens poetas partem para a Europa. Falcón vai para a Espanha, onde se tornou deputado comunista e, em seguida, membro do exército republicano. Mariátegui segue para a Itália, onde permanece de 1919 a 1923, momento de ascenso do fascismo (PERICÁS, 2010, pp. 10-11).

A Itália que recebe Mariátegui é um país recém-unificado, um país complexo e contraditório: uma unificação feita por cima, com centenas de línguas, dialetos, costumes não compreendidos e não incorporados. Tal processo foi desigual e combinou privilégios às classes burguesas do norte industrial (Piemonte) e aos latifundiários do sul. Antonio Gramsci chamou a atenção para o fato de que o desenvolvimento tardio não resolveu a questão agrária, o que desencadeou um processo de expansão e colonização do sul pelo norte (Revolução Passiva), deixando as classes populares mal acomodadas em proveito dos latifundiários e das nascentes classes industriais e tendo ainda uma larga burocracia confusa e corrupta dentro do universo do jovem Estado (GRAMSCI *apud* PARIS, 1976, p. 18).

O *Risorgimento* da Itália foi um movimento nascido do ideal de Giuseppe Mazzini, do esforço militar de Giuseppe Garibaldi e da habilidade política de Camilo Benso, o Conde de Cavour, este último, fundamental para obter o apoio e a proteção dos capitais da Inglaterra e da França. O Estado italiano da virada do século XIX para o XX era um conjunto de relações instáveis, tendo uma imensa maioria da população camponesa pobre e de trabalhadores urbanos - que crescia junto com a industrialização. Ao mesmo tempo, o *Risorgimento* desenvolveu uma

classe política incapaz de estabelecer relações com as demandas populares. A Itália unificada era politicamente fraca, conservadora e burocrática, com um papel secundário nas relações exteriores, com pouca força política, econômica e militar, incapaz de rivalizar com as potências europeias.

A industrialização tardia não fora capaz de rivalizar com a concorrência estrangeira e o mercado interno frágil e pouco desenvolvido dava pouca capacidade às relações econômicas mais dinâmicas. As políticas internas foram caracterizadas por um protecionismo estatal à produção industrial repassando os preços e os custos da produção as classes mais pobres (PARIS, *id.*, p. 22).

Durante o início do século XX, o avanço das lutas sociais alcançou algumas mudanças no governo de Giovanni Giolitti, destacando melhorias trabalhistas, sufrágio universal masculino, melhorias na educação básica, frutos do avanço das forças produtivas e das lutas sociais (PERICÁS, *id.*, p. 15).

Essa modernização gerou novas demandas e novos atores políticos. Os partidos tradicionais, compromissados com a sua própria existência parlamentar, abriram espaços para o crescimento do movimento social cristão liderado pelo padre Dom Sturzo, e para o Partido Socialista Italiano (PSI), que disputavam o apoio do campesinato e dos setores operários (PERICÁS, *id.*, p. 16).

Nesse mesmo período, a Itália desenvolveu um discurso nacionalista e imperialista que misturava de forma confusa a invenção de uma herança romana, clericalismo, antissocialismo e o desenvolvimento de uma teoria de socialismo nacional. Segundo essa teoria, Marx pensou a luta de classes dentro da sociedade, mas a atualidade imperialista criaria nações burguesas “imperialistas” e nações proletárias “não-imperialistas” (KONDER, 1979, p. 10). Nesse novo cenário a luta dar-se ia entre países ricos e países pobres. Essa concepção levou às aventuras fracassadas na Etiópia em 1895-96 e, depois, à guerra e à ocupação da Líbia em 1911 com a anuência inglesa (PARIS, *id.*, p. 72).

E será a conquista da Líbia - saudada como “nossa guerra” - que dará fôlego aos setores nacionalistas e imperialistas para empurrar a entrada da Itália na Grande Guerra. A entrada

na I Guerra Mundial trouxe mais confusão à “Velha Bota”. Despreparada militarmente, confiando nas promessa de obter ganhos territoriais, foi alavancada ao conflito pelo entusiasmo apaixonado dos nacionalistas. Mas isso estava longe de significar um consenso nacional: a maioria dos anarquistas, sindicalistas revolucionários, cristãos e socialistas denunciaram e combateram a entrada no conflito.

As dissidências aconteceram em todos os grupos políticos. Benito Mussolini, líder socialista, inicialmente pacifista e editor do jornal socialista *Avanti*, através do artigo “A Neutralidade absoluta e a neutralidade ativa e atuante”, posicionou-se favorável à participação no conflito, o que lhe valeu a expulsão do PSI. Em seguida, apoiado por capitais da Indústria pesada, funda o jornal *Il Popolo D'Itália* e, em maio de 1915, organiza o primeiro congresso *Fascio d'Azione Rivoluzionaria* (PARIS, *id.*, p 63).

Durante o conflito, houve promessas de melhorias salariais e de distribuição de terra aos soldados operários e camponeses. Ao fim do conflito, a Itália havia perdido mais de 700 mil soldados, sofreu outros milhares de feridos e mutilados e não havia ganho qualquer território e nem houve melhorias salariais nem distribuição de terras.

Nesse período, as classes dominantes agrárias e urbanas viram seus lucros dobrarem com o esforço de guerra, ao mesmo tempo, as condições de vida dos desfavorecidos pioraram, o mesmo valendo para setores de classes médias que se veem frente a um processo de proletarização (PARIS, *id.*, p. 66-69).

Grandes manifestações populares sacudiam a Itália, passeatas, saques, pilhagens, greves com ocupações de terras e fábricas com surgimento de conselhos operários marcavam o cotidiano e criavam um clima revolucionário. Antonio Gramsci propõe aos operários “fazer como na Rússia”, elaborar uma teoria e a prática de uma Revolução Soviética Conselhistas na Itália (GRAMSCI,1981, p. 66).

Por outro lado, os grupos nacionalistas reivindicam a vitória e o butim territorial. Nesse momento, o poeta nacionalista Gabriele D' Annunzio e seus *arditi del popolo* assumem o controle da cidade portuária de Fiume (Iugoslávia), exigindo a sua italianidade e criando um imenso desconforto junto ao governo liberal de Francesco Nitti. D'annuzio é apoiado por

setores nacionalistas, futuristas, pelo *fasci* de Mussolini, por parcelas significativas da sociedade italiana e pelo comando do exército, o que mina a autoridade do governo (TOGLIATTI, 1978, p. 10).

Os futuristas de Marinete, movimento progressista no pré-guerra, soma-se ao fascismo, o mesmo acontecendo com os nacionalistas, tornando-se *Fasci di Combattimento*. O fascismo, de um pequeno movimento confuso, se torna um partido com forte expressão junto aos setores médios temerosos de sua proletarização. Estes são responsáveis por ações de extrema violência contra os camponeses pobres e o movimento de ocupação de terras e, em seguida, contra os movimentos proletários e suas organizações¹.

O apoio tácito dos setores democráticos, liberais e as indecisões da esquerda possibilitou que em 28 de Outubro de 1922, os fascistas marchassem sobre Roma e assumissem o poder com a anuência do Rei Vitor Emanuel e do Papa Pio XI.

É este o momento em que o jovem ativista socialista peruano José Carlos Mariátegui recém-desembarcado na Europa para seu “exílio dourado”, toma contato com a agitada vida italiana e europeia. A escolha da Itália não foi aleatória.

O José Carlos Mariátegui que chega à Europa é o jovem ativista socialista que deixara de lado as “tertúlias” literárias e passara a se dedicar à política. Na Europa, e mais precisamente na Itália, desenvolverá seu marxismo travando contato com a efervescência político-intelectual que agitava a “Velha Bota”. Conhecerá artes, poesia, música e travará contato com diversos intelectuais, como Gorki, Gobetti, Croce e outros. É isso que estará representado em seus escritos. O tempo da correspondência é largo e, portanto, não há como fazer a cobertura in loco. Assim, seus escritos não são meras reportagens, mas análises que cuidadosamente observam os principais personagens e o conjunto de ideias que mobilizam atrás de si. Dessa maneira, muito mais que focar Nitti, Croce, Serrati, Gentile, D’Annunzio, Giolitti, Marinetti ou Mussolini, está observando de que forma esses atores e suas correntes de pensamento se apresentam no cenário da política.

¹ GRAMSCI, Antonio. “O Futurismo italiano”. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/ano/mes/futurismo.htm>. Acessado em 30/09/2019

Mariátegui observa que o tabuleiro da política é tenso, com um vaivém envolvendo centralmente a crise dos socialistas, que se dividem em três correntes: a reformista, organizada na União Socialista Italiana vinculada a II Internacional, a corrente de centro ligada ao Partido Socialista Italiano e que manteve uma proximidade com a III Internacional Comunista e a esquerda, que mais tarde dará origem ao Partido Comunista. A indefinição é a marca política que estará presente nos embates reais ou teóricos que se apresentam, e estão vinculados à colaboração aos governos burgueses, à fé na lógica parlamentar e à opção leninista da ala esquerda pela Revolução Socialista.

Após as greves de 1919 e 1920, os socialistas vão perdendo a capacidade de manter a ofensiva nas lutas econômicas. As divergências entre os líderes e as suas ideias colocam em paralisia os movimentos operários. Os socialistas estão por demais acomodados à lógica parlamentar e às reivindicações econômicas. A ruptura à esquerda, vinculada às ideias de Lênin e da III internacional, através do Partido Comunista, carece de penetração junto a amplos setores das classes operárias e populares, ficando restrita à crítica política, incapaz de impor seu próprio movimento ou a unidade aos movimentos socialistas (MARIÁTEGUI, 2010, p. 64).

O Partido Popular Cristão do padre Dom Sturzo, que compõe uma organização que resgata em algumas de suas alas o socialismo-cristão (enquanto em outras predomina a direita ligada ao Vaticano), apresenta-se como a centro-esquerda. Extraíndo suas forças do proletariado e campesinato cristãos, poderia se afirmar como um ponto de equilíbrio dentro da jovem nação, mas se encontrava em crise, tanto pela pressão que sofre dos socialistas na disputa pela preferência das classes populares, como pela reação fascista e o fortalecimento das tendências à direita do clero (MARIÁTEGUI, *id.*, p 75).

A crise liberal será ainda mais profunda quando se observa o cenário de decomposição dos governos. Estes vão se alterando e caindo como castelos de cartas, tendo como aporte a inabilidade frente à política internacional, como demonstravam a questão do estado independente de Fiume ou as negociações do botim do pós-guerra; também a ação econômica dos sindicatos e dos camponeses que pressionam por mudanças econômicas e, ao mesmo tempo,

a organização de falanges paramilitares ligadas às classes médias que agem violentamente contra os operários, camponeses e suas organizações.

Mariátegui narra a habilidade de governantes como Francesco Nitti e Giovanni Giolitti que, ao cederem às pressões sindicais e camponesas, apostando na limitação e conomicista do programa dos socialistas, acomodaram as classes operárias e populares ao limite de seu ganho, dentro da ordem, e assim detiveram o avanço da revolução (MARIÁTEGUI, 1994, p. 928).

A luta de classes e de suas frações se apresenta principalmente nas correntes de ideias observadas na imprensa, movimentos culturais e parlamento. Dessa forma, Mariátegui apresenta um apanhado das principais correntes intelectuais e de seus órgãos de imprensa, como os jornais e periódicos da época, nos quais os interesses de classes (e suas frações) estão representados. De igual forma, observa o movimento futurista de Filippo Marinetti e sua visão nacionalista arisca como “quase uma filosofia” e também como “um dos elementos espirituais do fascismo”. O mesmo pensa de D’Annunzio, mas ao mesmo tempo os vê como estetas e apaixonados por sua própria ação, e não pela política em *stricto sensu* (MARIÁTEGUI, *id.*, p 930).

O esforço de Mariátegui centra-se em entender o movimento fascista, especialmente por ter atraído a maioria dos intelectuais. No primeiro momento sua análise foca mais em D’Annunzio do que em Benito Mussolini. JCM tem admiração pelo poeta e julga que a ação e a constituinte escrita em Fiume foi uma obra inovadora. Esta visão romantizada mostra que no primeiro contato este ainda não tinha a dimensão do fascismo e ainda não conseguia observar de que forma o corporativismo poderia ser usado para a subjugar as classes trabalhadoras (CALLIL, 2010, pp. 145-146 e PERICÁS, *op. cit.*, pp. 48-49).

Conforme o fenômeno vai ganhando dimensão nacional e avança para conquistar o poder, Mariátegui vai mudando seu ponto de vista. Já em 1921, apresenta uma compreensão mais acurada sobre o fascismo, qualifica-o como “*uma milícia civil antirrevolucionária. Já não representa somente o sentimento da vitória. Já não é exclusivamente um prolongamento do ardor bélico*”

de guerra. Agora, significa uma ofensiva das classes burguesas contra a ascensão das classes proletárias” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 148).

Mariátegui busca entender o fascismo nas palavras dos líderes, observa uma ausência de programa, compreende a reação fascista como “*movimento romântico, anti-histórico e voluntarista*”. As ideias dos líderes fascistas são um conjunto de opiniões que se compõem como algo místico, tentando formular um ente coletivo acima das classes, dos grupos ou indivíduos: a nação. O interesse nacional estaria acima de tudo.

O fascismo não é um programa, é uma ação. As coisas escritas no programa geral do fascismo estão escritas com mais precisão em outros programas da política italiana (MARIÁTEGUI, *id.*, p 180).

O fascismo é um

(...) exército contrarrevolucionário mobilizado contra a revolução proletária, num momento de febre e de belicosidade pelos diversos grupos e classes conservadores. O fascismo é, por conseguinte, um instrumento de guerra. Sua ação não pode ser senão violenta. A paz significa para ele a inação, a desocupação” (MARIÁTEGUI, *idem* 179).

Mariátegui observa que

(...) a burguesia armou o fascismo(...) assustada pelas chances da revolução, a burguesia armou, abasteceu e estimulou solícitamente o fascismo e o empurrou à perseguição truculenta do socialismo, à destruição dos sindicatos e cooperativas revolucionárias, à quebra das greves e insurreições. O fascismo se converteu, assim, numa milícia numerosa e aguerrida e acabou por ser mais forte que o próprio Estado (MARIÁTEGUI, 2010, pp. 217 e 289).

Os fascistas julgavam que a política externa seria a extensão das vocações nacionais aos moldes dos impérios (como o romano), não sendo à toa que tomam emprestadas as saudações romanas utilizadas por D’Annunzio, em Fiume. Por isso, a reação contra a política externa derrotista formulada pelos governos liberais. Visava resgatar o orgulho italiano maculado e do soldado italiano que combateu na Grande Guerra que, então, sentia-se humilhado e esquecido numa sociedade com graves crises econômica e política.

A violência do fascismo seria uma resposta à violência totalitária dos socialistas bolcheviques. Dessa maneira, enquanto os socialistas agem em nome de uma classe e de seus interesses, os fascistas agem em nome de toda a nação. Combatiam a todos que se colocavam ao lado da especulação, da agiotagem, do lucro sem trabalho e/ou do interesse particular de uma única classe. O confuso discurso fascista ganha nas ações teatrais e hábeis de Benito Mussolini e nas forças de seus artigos publicados no *Il Popolo d'Italia*, um sentimento capaz de mobilizar setores descontentes com o liberalismo e com a ação socialista do proletariado e camponeses. O fascismo se propunha a ser mais que um “fenômeno político, um fenômeno espiritual”, que afirmaria a vitória dos combatentes na I Guerra, que desprezaria aqueles (como os socialistas), que foram pacifistas ou contra a guerra. Daí arregimenta estudantes, oficiais, intelectuais, nobres, empregados, camponeses e proletários (MARIÁTEGUI, id., p. 933).

Os métodos fascistas serão frisados por Mariátegui como a intimidação e a violência através da tortura contra os opositores de esquerda, a exemplo do deputado socialista Giacomo Matteotti, morto pelas falanges, ou contra os liberais, como Piero Gobetti e Benedetto Croce. Igualmente, não acreditava na fé de Giovanni Giolitti, na tradição transformista da política italiana de que Benito Mussolini e os fascistas se adaptariam ao ambiente parlamentar liberal.

O fascismo é a ação ilegal das classes conservadoras, temerosas da insuficiência da ação legal do Estado, em defesa da subsistência deste. É a ação ilegal burguesa contra a possível ação ilegal socialista: a revolução (MARIÁTEGUI, Idem, p. 149).

José Carlos Mariátegui deixa claro que o espírito da reação não era a afirmação do novo, de uma revolução, mas a defesa incrustada da ordem burguesa e do capitalismo. O espírito do capitalismo e de seus valores era o verdadeiro componente policrômico da religião fascista, como faz lembrar, ao narrar o financiamento das classes burguesas ao movimento e à ditadura.

Acreditava que a indefinição dos socialistas – em ora crer no parlamento, ora boicotar o parlamento, como contraponto a Mussolini – fortaleceria a ditadura. Percebia que este era um movimento internacional do capital, não era apenas uma exceção, mas a afirmação de uma reação à Revolução Russa e à ameaça da revolução socialista na Itália. Dessa forma, “o

liberalismo e a democracia renegaram, ante o fascismo, sua teoria e sua práxis. Sua capitulação foi plena” (MARIÁTEGUI, 2010c, p. 197).

Mariátegui via a necessidade de unidade das forças socialistas (USI, PSI e PCI), e tal qual Engels, - em suas cartas a Turati - a formação de um bloco com as forças liberais e democráticas frente à ditadura. Percebe que a ação violenta e a censura à imprensa desarmaram a comunicação das forças democrática junto à sociedade. Dessa forma, a oposição parlamentar e as forças sindicais e sociais foram postas à margem e na ilegalidade, de modo simples com pouca resistência e sem uma verdadeira oposição triunfou a ditadura fascista (MARIATEGUI, *id.*, p 275).

Por fim: em tempos em que imigrantes pobres são assassinados nas fronteiras, em que manifestações são feitas para que não se deem comida e água a moradores de rua, em que governantes comemoram com suas polícias a morte de negros e pobres, que um presidente ataca índios, gays e os desvalidos, em que muros separam cidades e países entre suas populações ricas e pobres, em que fazendeiros ateam fogo na maior floresta do mundo para comemorar a impunidade e a culpabilização das vítimas do capitalismo, o pensamento de José Carlos Mariátegui é uma leitura atual e obrigatória. Nos coloca como reflexão, especialmente no momento em que vivenciamos uma crise no e do Estado neoliberal - e também do modelo neodesenvolvimentista -, a alternativa do socialismo como resposta à barbárie capitalista.

Referências Bibliográficas

BORDIGA, Amadeo e GRAMSCI, Antonio. **Conselhos de Fábrica**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

CALLIL, Gilberto, A experiência italiana e o desenvolvimento do marxismo de José Carlos Mariátegui (1920-1922). **Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina**. ISSN: 2177-9503 Imperialismo, nacionalismo e militarismo no Século XXI 14 a 17 de setembro de 2010, Londrina, UEL.

ENGELS F, Cartas de Engels a Turati, in <https://www.marxists.org/italiano/marx-engels/1895/socialismoitalia.htm> Consultado em 30/09/2019).

GRAMSCI, Antonio. “Socialistas e Fascistas” (1921). Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1921/06/11.htm>. Consultado em 18/09/2019).

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1977.

MACHADO, Marília Gabriella. **O Fascismo através do prisma gramsciano**. In: *Revice - Revista de Ciências do Estado*, v1, n.2, Belo Horizonte, 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda, 2010.

_____ **Obras Completas**, Tomo I, Lima. Editora Minerva, 1994.

PARIS, Robert. **As origens do fascismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PERICÁS, Luis Bernardo. Prefácio. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda, 2010.

SECCO, Lincoln. **Gramsci e a Revolução**. São Paulo, Ed Alameda, 2002

TOGLIATTI, Palmiro. **Lições sobre o Fascismo**. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1977.